

Prova teórica de avaliação para o
Acesso ao Ensino Superior para Maiores de 23 Anos
18 de junho de 2014

Parte I – Prova de Língua e Cultura Portuguesas

I

Leia atentamente o seguinte texto:

LEMBRO-ME MUITAS VEZES daquela sensação de medo (e, depois, de vergonha...) que senti na primeira noite que passei em Chicago quando ouvi baterem insistentemente à porta da cozinha e os meus olhos avistaram, a toda a largura e altura do vidro da porta, o enorme rosto de um negro, cabelo em tranças “rasta”, fazendo gestos ameaçadores.

Eu estava sozinha em casa com quatro crianças que dormiam nos quartos ao fundo, o meu filho avisara que ia chegar tarde.

Imaginei-me no pior cenário do pior filme de terror (Chicago, Al Capone, bandidos, lei seca, estão a ver o guião...), tremia sem saber o que fazer — até que o Diogo, estremunhado, veio lá do quarto a pedir água, olhou para a porta e disse “Ah! É o nosso vizinho de baixo, é colega do pai na Universidade”.

Era.

E os tais gestos ameaçadores eram apenas gestos de um pai sozinho em casa, que acabara de descobrir que não tinha um pinga de leite no frigorífico e pedia ajuda...

A vergonha que senti acho que nunca chegou a passar durante as semanas todas que lá estive -- nem mesmo depois de lhe ter passado para as mãos um pacote inteiro e, até ao fim da minha estada, ter tido sempre para ele o mais rasgado dos sorrisos.

Não há dúvida: somos instintivamente racistas, ou já estamos programados para o sermos.

Desta vez não estou em Chicago, mas na estação de metro de Sete Rios, passa pouco das seis da manhã, o quiosque do café ainda não abriu, faço horas para apanhar uma camioneta na Rodoviária mesmo em frente.

Diante de mim aparece um negro, cabelo em tranças, olhos pesados de sono e álcool, ar de quem ainda não se deitou.

Estende-me o braço e pede-me um cigarro.

Enfio a mão na algibeira e entrego-lhe o resto do maço, olhando em volta, mas em volta não anda ninguém, e ele pede lume e eu estendo-lhe o isqueiro, esperando que ele não repare na pouca segurança da minha mão.

“Obrigado”, diz, “muito obrigado pela sua amabilidade.”

E repete, “amabilidade”, repete devagarinho, separando muito bem as sílabas, “a-ma-bi-li-da-de”, e depois franze a testa, coloca-se bem na minha frente, e continua:

“É amabilidade que se diz? Não devia ser amavilidade? Pois se a gente diz “amável”, também devíamos dizer “amavilidade”. A não ser que a palavra venha de “habilidade”! Quer dizer: a “habilidade” de ser “amável”. “Amabilidade”.

E durante alguns minutos lá ficou naquelas altas filosofias matinais.

Já se afastara um pouco quando, de repente, volta atrás, deixa cair a mão pesadamente no meu ombro (meço um metro e meio e ele deve medir para aí o dobro...) e, enquanto eu olho desesperadamente em volta, exclama:

“A nossa língua é muito bonita!”

O quiosque já estava aberto, paguei-lhe um café.

Aquele “nossa”, pronunciado com tanta força, tinha-nos feito, de repente, irmãos.

Exactamente da mesma cor.

Crónica de Alice Vieira no jornal *JN*. Também in *Sorumbático*, 08/11/2007.

URL: <<http://bit.ly/1s8nkvt>> (consult. 12/06/2014)

1. No texto que acabou de ler, é possível distinguir dois momentos diferentes. Identifique-os. (1 valor)
2. A autora vive um sentimento idêntico em ambos os momentos. Identifique esse sentimento e explique-o. (1 valor)
3. No segundo momento, assiste-se a uma mudança de atitude por parte da autora. O que desencadeou essa mudança? (1 valor)
4. Explique por palavras suas o sentido da passagem final do texto: (2 valores)

Aquele “nossa”, pronunciado com tanta força, tinha-nos feito, de repente, irmãos.
Exactamente da mesma cor.

5. Dê um título ao texto e justifique. (1 valor)

II

Elabore um comentário coeso e bem estruturado (mínimo de 200 palavras) em torno do seguinte excerto do texto, baseando-se, se possível, na sua experiência pessoal: (4 valores)

Não há dúvida: somos instintivamente racistas, ou já estamos programados para o sermos.